



O Gattopardo (1958)

Tomasi de Lampedusa

Na manhã seguinte o sol iluminou um Príncipe revigorado. Tinha tomado o café e de chambre vermelho com flores negras fazia a barba diante do espelho. Bendicò apoiava a cabeçorra sobre o seu chinelo. Enquanto barbeava a face direita viu no espelho, atrás do seu rosto, o de um rapaz, um rosto magro e distinto, com uma expressão de zombaria temerosa. Não se virou e continuou a barbear-se. "Tancredi, o que é que você aprontou ontem à noite?" "Bom dia, tio. O que que eu aprontei? Coisíssima nenhuma! Fiquei com meus amigos. Uma noite santa. Ao contrário de certos conhecidos meus que foram se divertir em Palermo." Don Fabrizio tratou de barbear com cuidado aquele difícil trecho de pele entre lábio e queixo. Havia tamanha carga de entusiasmo juvenil na voz ligeiramente anasalada do rapaz que era impossível zangar-se; surpreender-se, porém, era lícito. Voltou-se e com a toalha debaixo do queixo olhou para o sobrinho. Estava em traje de caça, paletó cinturado e perneiras altas. "E quem são esses conhecidos, pode-se saber?" "O senhor, tiozão, o senhor. Eu vi com esses olhos, no posto de controle de vila Airolidi quando o senhor falava com o sargento. Bonito, na sua idade! e na companhia de um Reverendíssimo! Os dinossauros libertinos!" Era insolente demais, achava que tudo lhe era permitido. Através das fendas estreitas das pálpebras os olhos de um azul opaco, os olhos da mãe, os seus mesmos olhos, o encaravam risonhos. O Príncipe sentiu-se ofendido: esse aí realmente não sabia a hora de parar, mas não estava com ânimo para repreendê-lo; afinal ele tinha razão. "Mas por que você está vestido desse jeito? O que é que há? Um baile a fantasia de manhã?" O rapaz ficou sério: seu rosto triangular adquiriu uma inesperada expressão viril. "Estou de partida, tiozão, vou embora daqui a meia hora. Vim me despedir." O pobre Salina

sentiu um aperto no coração. "Um duelo?" "Um grande duelo, tio. Contra Franceschiello Deus nos Guarde."²¹ Vou para as montanhas, em Corleone: não conte a ninguém, sobretudo não ao Paolo. Estão se armando coisas importantes, tiozão, e eu não quero ficar em casa, onde, aliás, me agarrariam logo se ficasse." O Príncipe teve uma das suas súbitas visões: uma cruel cena de guerrilha, tiroteiros nos bosques, e o seu Tancredi no chão, estripado como o infeliz soldado. "Você está louco, meu filho! Ir se meter com aquela gente! São todos mafiosos e salafrários. Um Falconeri deve estar conosco, pelo Rei." Os olhos começaram a sorrir. "Pelo Rei, está certo. Mas que Rei?" O rapaz teve uma daquelas suas crises de seriedade em que se tornava mais encantador e impenetrável. "Se nós não estivermos presentes, eles aprontam a república. Se queremos que tudo continue como está, é preciso que tudo mude. Fui claro?" Ligeiramente comovido abraçou o tio. "Até breve. Voltarei com a bandeira tricolor." A retórica dos amigos havia resvalado um pouco sobre seu sobrinho; mas não. Na voz anasalada havia um toque que desmentia a ênfase. Que rapaz! As bobagens, e ao mesmo tempo a negação das bobagens. E Paolo, que a essa hora estava seguramente cuidando da digestão de "Guiscardo!" Este era seu verdadeiro filho. Don Fabrizio levantou-se rápido, arrancou a toalha do pescoço, remexeu numa gaveta. "Tancredi, Tancredi, espera", correu atrás do sobrinho, meteu-lhe no bolso um rolinho de onças de ouro, apertou-lhe um ombro. O outro ria: "Agora o senhor financia a revolução! Mas obrigado, tiozão, até breve; e abraços para a tia." E lançou-se escada abaixo.